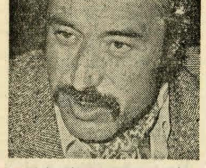


FUNDADORES: CANDIDO DE OLIVEIRA e RIBEIRO DOS REIS
DIRECTOR: VICENTE DE MELO

OS GRANDES TEMAS DO ESPECTÁCULO DESPORTIVO

PARA QUE SE GOSTA

...não por se não ter outra coisa
- Ideal do escritor JOSÉ CARDOSO
PIRES (que gosta...)



po, contactar com os seus ídolos, pedir autógrafos.
—Sim, em Portugal, também vou ao futebol. Mas não me dá a mesma satisfação. Mesmo porque entre nós, o depois do futebol é bastante triste...

Espectatória...

Felizmente, não estava ali para agradecer. Foi directo, quando começou por afirmar:
—Gosto de futebol. Vou ao futebol. Mas em Inglaterra, que em Portugal. Porque entendo o futebol como um grande espectáculo, uma grande festa, uma grande romaria. Em Portugal? Raramente conseguimos chegar a esse clima. Digo mesmo mais: entre nós, o futebol é um espectáculo deprimente.
José Cardoso Pires. Ofício: escritor. Professor por causa de si. O último livro é sempre o melhor. Particularmente em foco, por ser o autor de «O DELFIM», seleccionado por «Le Monde» e «Quinzaine Littéraire» como um dos melhores romances estrangeiros de 1970. Professor na Universidade de Londres. De quem, aliás, um dia, nos disse:
—O Cardoso Pires vai à bola... É do Chelsea...

«Há páginas da Imprensa Desportiva que são das melhores que tem proporcionado o jornalismo português»

entre nós, se discute futebol, quando o futebol, afinal, é extremamente simples. Como está provado em algumas páginas da Imprensa desportiva, que não é favor nenhum considerar como das melhores que tem proporcionado o jornalismo português, com a limpeza formal de estilo.
—Veja, por exemplo, a diferença que existe entre os programas de televisão, em Portugal e na Inglaterra. Pois reconhecer que também é uma questão de dinheiro. Certas coisas só se fazem com dinheiro. Na televisão inglesa, quando o entrevistador faz determinada pergunta a um jogador de futebol que está a ser entrevistado, quando lhe pergunta como correu determinado lance, o espectador está a ver a filmagem desse lance, se as palavras do entrevistado coincidem com aquilo que a imagem mostra. Não é esta a conversa chatarra entre dois senhores sentados em cadeiras, com o entrevistador a fazer o «Repete no panorama de um campo português: polidamente rígo:» como se estivessemos sempre à espera do pior. Isso gera, desde logo, o divórcio automático entre o público e o jogador.

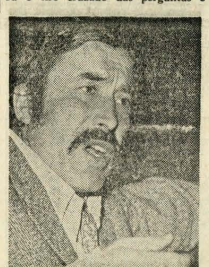
—Eu verifico, por exemplo, que em países, como a própria Inglaterra, nos desportos, com enormes massas com tradição de violência, pode-se assistir a um desafio de futebol sem todo aquele aparato policial.
—Continua...
—Para mim, o futebol tem de ser um espectáculo de alegria, uma festa, uma romaria, como é na Inglaterra, onde, entre as crianças, a liberdade das crianças saltarem ao cam-

—O ideal, possivelmente, era que todos fossem com eu. Vou ao futebol, porque gosto muito do futebol, porque me dá prazer ir ao futebol. O grave é as pessoas só irem ao futebol, por não terem outra coisa para onde ir...
—Gosto de ir cedo. De ver as pessoas chegar. O subir das escadas, o procurar dos lugares, os amigos que se encontram, as sinaleiras que se fazem, os recordos que se não ouvem... Aquela comunicação jogadora com o público, que só agora, principalmente por intermédio de Eusébio, está a chegar a Portugal. O futebolista marcava um gol, era abraçado pelos camaradas, era lá tudo entre eles. Na Inglaterra, sempre o futebolista que marcou um gol teve a preocupação de pular, de levantar os braços, de vir puxar pela assistência, de comunicar, emalta, marquei um gol, é uma festa, vamos todos gritar, vamos todos expandir, é festa, é festa!.

—Sim, também vou ao futebol em Portugal. Ainda agora, estou na Luz, no Portugal Jockey. Mas neste futebol português, fico com a impressão de que estou a pactuar com uma burla, de que o futebol está despojado de todas as virtudes que lhe reconhecemos. É um jogo. Este futebol não é o futebol de que eu gosto. Gosto de um futebol festa, oferecendo-me um futebol paíxio.

Futebol e literatura

—Chega-se ao ponto em que a entrevista é mais conversa. Quando acaba o tiro cruzado das perguntas e



respostas, para nos juntarmos todos à volta de um tema. Perguntamos:
—Está provado que o futebol tem um lugar absoverno na vida de inúmeros portugueses? Como se compreende que o futebol esteja ausente da literatura portuguesa, dado que muito pouco existe...
—É um facto... Por mim, recordo-me do «Talvez-Reis», do Romeu Correia. E talvez não saiba que foi

o Alves Redol que escreveu o argumento de um filme, que saiu fraco, «Bola ao Centro»...

—Com o José Amaro, que as irmãs Meireles cantavam uma coisa...
—Esse mesmo. O argumento era do Alves Redol... Confesso que a sua pergunta é pertinente, mas não encontro resposta, assim, à primeira... É um caso para se estudar... Aliás, o fenómeno não é só português... Pelo menos que eu me lembre, não há um grande romance mundial, sobre futebol... E veja o caso do Brasil, um país todo futebol, onde nunca se viu um grande filme com esse tema...

—Talvez por o futebol ser um tanto recente...
—Talvez...
—Mas a literatura, hoje em dia, pega em todos os temas... Há ro-

ENTREVISTA DE CARLOS MIRANDA

mances feitos sobre a vida vulgar do homem comum... Hoje em dia, o homem futebolista tem força novelista. Muitas histórias que acontecem com determinados homens, esses homens podiam ser futebolistas...
—Deixe ver... Talvez porque o futebol não contém dramatico suficien-

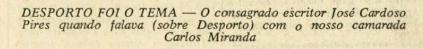
«A história de MATA-TEU talvez desse um romance»

te. As artes influenciam-se... Já o boxe, por exemplo, pela sua violência, pelo risco que o homem corre, tem dado bons romances.

—Mas recorde-se que em Portugal, a tauroquia, que tem tradições, nunca deu tema para romance. A única coisa de que me lembro é uma obra mediocre, de Rebelo da Silva, da «Última Corrida de Tours em Salvaterra»...
—E não há mais. Como no futebol... Talvez porque só espectáculos que não contém alicantes artísticos superiores.

—A conversa generaliza-se. Quase se poderia referir que há um princípio de trabalho de grupo. Cardoso Pires admite...
—Talvez Matateu, a sua história, os amigos na glória, os que o abandonam depois, o seu vegetal... Talvez desse um romance...

—Possivelmente, para o escritor, é difícil abordar este tema. Sabe-se como, em Portugal, os intelectuais vão ao futebol. Encontramos-lhe lá quase sempre. É difícil levar um deles publicamente, a admitir esse gosto pelo futebol. Não será o futebol a levar em causa, mas talvez uma certa reticência na confissão de que se frequenta o mesmo local das tal. pessoas severas, autoritárias, que fazem do futebol uma coisa muito importante. Talvez exista certa gente que escreva no futebol, com o qual o escritor tem pouca intimidade, tem



DESPORTO FOI O TEMA — O consagrado escritor José Cardoso Pires quando falava (sobre Desporto) com o nosso camarada Carlos Miranda

relutância em contactar. Pessoas que o inibem de entrar no círculo do futebol, o necessário para ter os necessários conhecimentos, para escrever o seu romance...

—Admito que a pessoa mais indicada para escrever um romance sobre o futebol, seja um jornalista desportivo, que é a pessoa que mais conhece os meios do futebol, que escreve inenso sobre o assunto... Mas eu penso que os jornalistas estão circunscritos pelo dia-a-dia. E um homem, para escrever sobre um tema destes, teria que o conhecer, por dentro e por fora, mas no momento de fazer o seu romance, teria que estar afastado, livre de pressões. Sim, os jornalistas não têm tempo... E aqui chegamos a uma conclusão: a falta do conhecimento, a outros falto de tempo. Talvez Carlos Oliveira... Sim, Cândido de Oliveira podia ter sido um grande escritor de futebol...

—Sobretudo porque Cândido de Oliveira tinha a preocupação de evitar culpa, por perceber de fute-

bol, o que imita certos comentários. Que parecem ter a preocupação de mostrar que falam de futebol, mas podiam muito bem falar de outro assunto, porque sabem mais coisas sobre o futebol.

«Cândido de Oliveira podia ter sido um grande escritor de futebol»

—Não serve para nada... Mas se quer relacionar o Engenheiro com o desporto, podemos falar de automobilismo...
—Entre os seus demónios interiores, está herói gasta-se em peregrinações desvariadas, cavalgando um potente Jaguar na obrigação de vencer o tempo)...

—Sabe que te um Jaguar, representa, para muita gente boa, uma compensação para certas frustrações. Onde se mora, ser Alvalade, por exemplo, é um espectáculo louco, ver os meninos a acelerar, a voarem pelas ruas fora...
—«É um nunca mais acabar de Fanfagos. Eu proponha, não que os prendessem, os multassem, ou coisa parecida, mas sim que os reunissem e lhes fossem as passagens para Inglaterra. Não para andar, naqueles disparates, pelas ruas fora, que isso não é lá permitido, mas para os pequenos poderem participar em corridas, e passar-lhe os logs... Sabe por quê? Porque o nosso automobilismo, com tantos rapazes importantes tantos senhores bem portados, tanta coisa, o automobilismo desportivo português é simplesmente pindérico. No futebol, ainda acertamos alguma coisa, no ciclismo aparece um ou outro, no atletismo, ainda fazemos uma tempada, e mesmo quando, etc., e tal, mas no automobilismo desportivo, somos pindéricos. Mas os nossos automobilistas, atravessam as fronteiras, e vão a assistir logo de entrada. Quanto portugueses conseguem chegar ao fim do Rally de Monte-Carlo? Parece que não chegam a partir...
—Mas é assim: o automóvel é um símbolo sociológico de afirmação masculina, de destaque na vida diária portuguesa e ainda afirmação de autoridade, e logo uma transferência de anti-desportivismo, de «chatear as pessoas, que não chegam a partir...
—Tentamos, ainda, identificar o Engenheiro com mais situações desportivas, mas sempre a partir de também irmos para o pelourinho...
—Não compreendo essa preocupação... Porque havemos de estar com preocupações desportivas para falar de literatura, só porque o seu jornal é desportivo... Por que não havemos de falar de literatura num jornal desportivo, mas sem multar, sem nada? Como será oportuno, em certa altura, falar de desporto num jornal literário...
—Touros. Falamos na nova edição de «O Delfim». Contamos o autor...
—Um livro é como um filme, melhor sempre. Há quem seja particularmente bom em fazer livros, como não meixar mais. Formo do lado contrário: corrigir-se um filão, corri-

ge-se um livro, vamos sempre procurando entusiasmá-lo... Acontece que nas outras edições de «O I Elifim», não fiz alterações, talvez porque vieram muito em cima do lançamento original. Também em alguns da quarta edição, fiz algumas alterações...
—Profundas? ...
—Não, isso não...
—As alterações que introduziu no seu livro, surgem de uma leitura própria, ou de conversas que tem com terceiros, opiniões que escuta? ...
—No último Portugal-Jockey, reparei imenso no Simões. Porque me pareceu ter todos os defeitos do português médio, pequenino, andando numa labuta constante, mas imprudente, até sem proveitos práticos, e, de repente, tendo dois ou três momentos de centelha, de génio, de inteligência, que resultam em assunto...
—Futebolisticamente, fiquei com a ideia de que Simões e Eusébio estão muito acima de todos os seus camaradas. Inteligentemente, fiquei com a ideia de que Simões será, realmente, um caso... E daí, ser eu a fazer-lhe a pergunta: acha que o Simões é também um jogador, e preocupa com as críticas que lhe fazem? ...
—Quando falo em opiniões, referia-me a pessoas amigas, a simples conversas...
—Sim... Bem, as alterações que introduziu nos meus livros, vêm, fundamentalmente, das leituras a que procedo. E também de alguns casos particulares. Mas nunca a crítica. Porque o crítico literário, normalmente, critica o romance que gostaria de fazer...
—A conversa torna novos rimos. O pouco que os clubes desportivos fazem pela cultura. Um pouco que não se dá a conhecer nos clubes particulares. Que pede mais imaginação...
—Já alguma vez, apareceu um clube que se lembrasse de promover uns jogos florais entre jogadoras de

QUEM É QUEM
CARDOSO PIRES

José Cardoso Pires nasceu em 1925. Publicou: «Caminhões e Outros Contos», «Histórias de Amor», «O Arco Anarcóides (romance)», «O Renard dos Heróis (leatro)», «Jogos de Azar», «O Homem de João», romances. Foi galardoado com o Prémio «Camilo Castelo Branco» 1963/64, e «O Delfim» (romance). Em 1960, juntou e orientou a revista «Almanaque» e fez parte da comissão de «Gesta Musical e de Todos as Artes». Foi membro directivo da Sociedade Portuguesa de Escritores e vice-presidente da delegação portuguesa da Comunidade Europeia dos Escritores. Actualmente lecciona Literatura Portuguesa e brasileira no King's College, da Universidade de Londres.

«No futebol português, não há comunicação entre o público e o jogador»

futebol? A ideia parece, enfim... Mas não... Teríamos, possivelmente, uma novela mediocre, uma quadra de pouca importância na vida diária portuguesa e ainda afirmação de autoridade, e logo uma transferência de anti-desportivismo, de «chatear as pessoas, que não chegam a partir...
—Tentamos, ainda, identificar o Engenheiro com mais situações desportivas, mas sempre a partir de também irmos para o pelourinho...
—Não compreendo essa preocupação... Porque havemos de estar com preocupações desportivas para falar de literatura, só porque o seu jornal é desportivo... Por que não havemos de falar de literatura num jornal desportivo, mas sem multar, sem nada? Como será oportuno, em certa altura, falar de desporto num jornal literário...
—Touros. Falamos na nova edição de «O Delfim». Contamos o autor...
—Um livro é como um filme, melhor sempre. Há quem seja particularmente bom em fazer livros, como não meixar mais. Formo do lado contrário: corrigir-se um filão, corri-